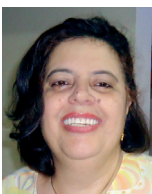




# Perda potencial de 40 mil alunos/ano



**Anna Gilda Dianin**  
Advogada  
especialista em  
Direito Educacional  
e Direito Sindical.  
Presidente do  
Sinepe/Sudeste/MG

**C**om a proximidade do ano letivo de 2015, recorro com frequência, observo sindicalistas de larga experiência na representação patronal reivindicarem alunos potenciais que estariam a migrar para outras redes em razão das políticas públicas para a educação, ou, por essa mesma causa, estariam sendo “cooptados” por concorrentes ditos “predatórios”, inclusive oriundos de outras regiões.

Sem entrar no mérito se tais assertivas são condizentes com a realidade, proponho outra reflexão que tem me causado perplexidade: anualmente, os homicídios dolosos e a violência no trânsito são responsáveis pela perda aproximada de 40 mil vidas apenas entre crianças e jovens. Estas, depois de pranteadas por seus entes queridos, infelizmente deixam de ser reclamadas e passam a integrar vergonhosas estatísticas, conforme retratam organismos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU).

Para se ter uma ideia da grandeza alarmante desses números, é como se, a cada 15 anos, uma cidade do porte médio de Juiz de Fora/MG fosse riscada do mapa, pela ausência de habitantes. Tivemos avanços significativos nas últimas décadas, diminuindo expressivamente os índices de mortalidade infantil e erradicando doenças que muito contribuíram para ceifar vidas precocemente. Por outro lado, deixamos de fazer o dever de casa no que se refere ao combate à violência, além de outras mazelas responsáveis por problemas sociais.

Se fôssemos fazer um detalhado levantamento, acrescentando dados referentes às jovens vidas privadas de liberdade, incapacitadas para o trabalho, ou vitimadas por acidentes de trânsito sem morte declarada no asfalto, ou, ainda, àquelas perdidas em razão de um precário sistema de saúde pública, veríamos que o número é bem maior do que 40 mil/ano.

Negros ou brancos, ricos ou pobres, da escola pública ou privada, são alunos, trabalhadores, pais e mães, sempre em potencial. Mas essa potencialidade é definitivamente abortada pela imposição da sentença de prematura morte. Hoje o Brasil está radiante porque realizamos a festa da democracia. Foram eleitos presidente, governadores, representantes para as assembleias legislativas, parlamento e senado federal.

Nesse ambiente de comemoração pela estabilidade das instituições e ao mesmo tempo de preparação para o ano letivo de 2015, as perguntas são: que futuro queremos para o País que dizemos amar tanto? Que educação livre e de qualidade queremos implantar em uma sociedade que coleciona números tão assustadores que parecem nada significar?

O aperitivo para essas indagações vem de um artigo veiculado na web no mês de setembro/2014, de autoria do jornalista Juan Arias, correspondente do jornal espanhol *El País*, abordando a insensibilidade de nossos governantes e de nossos cidadãos, do qual destaco o parágrafo final: "Até quando? Irá despertar alguma vez este País de tantas maravilhas, de tantas pessoas fantásticas, com desejo de viver em paz, sem serem tratadas como se fossem bandidos, ou continuará deixando atrás de si a cada dia tristes trilhas de sangue e medo ante a impassividade e a impotência do Estado?".

Registra o autor que o número de homicídios anuais no Brasil (50 mil, computadas todas as faixas etárias) é maior do que o total das vítimas em todas as guerras em curso no planeta. Definitivamente, é desnecessário reformar as leis se a sociedade em que tais leis vigoram não desenvolver e absorver, radicalmente, a cultura do valor e da preservação da vida plena, com todos os ônus que tal absorção possa implicar. Certamente, mais adiante os bônus serão colhidos. Não tenho dúvida de que os problemas de nosso dia a dia nos levam sempre a postergar a adoção de medidas que não são individuais, mas de toda uma coletividade. Todavia, não é possível fingir que o problema não existe e que não bate às nossas portas.

Independentemente da perda estimada em 40 mil alunos/ano, todos temos a responsabilidade de buscar alternativas para combater essa situação. A escola, que por excelência dispõe de meios de acesso a centenas de milhares de alunos e seus familiares, está apta a iniciar a tarefa. Como organização sindical representativa dos estabelecimentos de ensino, dispomos das ferramentas necessárias para viabilizar a inclusão dessa pauta na ordem do dia. Esse talvez seja um excelente desafio para iniciar 2015. ■

annadianin@uol.com.br